



**O ESPAÇO DA PRAÇA DORIVAL CAYMMI:
uma investigação propositiva no Bairro de Itapuã¹**

Débora Matos Maia*

Mônica Lemos Bitencourt**

RESUMO

Este artigo é resultante das investigações no bairro de Itapuã, localizado na cidade de Salvador, no Estado da Bahia – no Brasil, que vêm sendo desenvolvidas como parte das pesquisas de mestrado e doutorado desde o ano de 2009 de ambas as pesquisadoras. Pretende-se estudar o que vem acontecendo com a praça na modernidade, como também levantar algumas proposições de ressignificação do espaço desta para uso da comunidade enquanto espaço educativo; de lazer e cultura e ainda gerador de riquezas. Metodologicamente, foi utilizado o levantamento documental e a observação participante com base nas pesquisas etnográficas de mestrado e doutorado. A relevância do tema baseia-se na inovação de evidenciar a educação como parte integrante do contexto da cidade, bem como atrelá-la a aspectos geográficos, culturais e históricos que são ressaltados no âmbito do espaço público – Praça Dorival Caymmi, sem a pretensão de esgotar as abordagens possíveis sobre o local. A intenção foi também alertar outros lugares da necessidade de cuidar, propor e discutir questões espaciais em função dos processos educativos que se fazem presente em espaços como a praça.

Palavras-chave: Cidade. Espaço. Educação.

1 INTRODUÇÃO

¹ Artigo apresentado ao Colóquio Milton Santos. 3 – ‘Cultura Local, Mercado Global’ no dia 07 de junho de 2011, na cidade de Salvador – BA.

* Mestranda do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Bolsista FAPESB. Endereço Eletrônico: deboramatosmaia@gmail.com

** Doutoranda em Ciências e Educación pela Universidad Nacional de Cuyo/Facultad de Filosofía y Letras. Argentina. Endereço Eletrônico: momabitencourt@yahoo.com.br

Cada período histórico de uma cidade possui diferentes modos de vida e organizações espaciais. Ao longo do tempo, as cidades se expandem, sobrepõem características, modificam-se, resultando em espaços com nova organização e funções. Salvador, com o aumento das migrações na década de 60, em decorrência da industrialização e urbanização dos espaços, passa a receber pessoas advindas de todo o interior da Bahia e outras regiões.

Com isso, novos bairros se expandem sem planejamento, abrigando pessoas com baixo poder aquisitivo e à procura de emprego. O mercado de trabalho informal converte-se em uma das opções para que esses indivíduos possam sobreviver. Moradias são construídas em locais sem infraestrutura alguma. A especulação imobiliária também passa a atuar de forma incisiva nesses locais. Tudo isso origina uma nova realidade e proporciona choques entre culturas. Os espaços de socialização são ressignificados. Lugares que deveriam ter como função o encontro passam a ter outras características.

Assim, o bairro de Itapuã é o escolhido, tanto por fazer parte das pesquisas das autoras, como também por apresentar transformações que se refletem em todos os espaços, sendo uma necessidade, observada pelas mesmas, a carência de estudos que possam fazer proposições para a Praça Dorival Caymmi, ponto de referência do bairro e importante espaço de encontros e festejos do lugar.

Este artigo tem como objetivos estudar o que vem acontecendo com o espaço da praça na modernidade, e se predispõe a propor possíveis soluções. Metodologicamente, utilizamos o levantamento documental e a observação participante com base em nossas pesquisas etnográficas de mestrado e doutorado, sendo possível perceber o cotidiano da referida praça, fazer observações e proposições.

2 DA CIDADE DE SALVADOR AO BAIRRO DE ITAPUÃ

A cidade guarda épocas e marcas, materializadas em fotografias antigas e atuais, na mistura de estilos arquitetônicos, nos símbolos espalhados pelos espaços, em nomes de ruas que guardam histórias passadas, nas composições musicais, dentre outras características. A cidade é uma espécie de ‘palimpsesto’², em que camadas da história se sobrepõem umas às outras, se tencionam e acabam por revelar paradoxos e contradições do presente na relação com o passado.

² Era um papel antigo que para produzir uma escrita definitiva precisava-se decalcar em várias folhas até conseguir produzir o documento final. E é um termo utilizado por Barros no texto **Ver e Ouvir a Cidade**.

Segundo Milton Santos (2009, p. 132), “[...] a cidade, pronta a enfrentar seu tempo a partir do seu espaço, cria e recria uma cultura com a cara do seu tempo e do seu espaço e de acordo ou em oposição aos ‘donos do tempo’, que são também os donos do espaço.” Portanto, a partir da necessidade dos pobres e da convivência com o outro, a política dos ‘de baixo’ é constituída baseada no cotidiano vivido por todos e tem toda uma relação com a história do lugar.

Assim, a Cidade de Salvador, primeira capital do Brasil, revela em sua história influências de etnias que passaram por momentos de conflitos na sua formação e que refletem no momento sócio, político e cultural de seus bairros na atualidade. Itapuã era inicialmente habitada por índios, depois passou a ser uma fazenda de colonizador português e, posteriormente, uma vila de pescadores ex-escravos que tinha a pesca da baleia e peixes diversos como principal fonte de sobrevivência. Tornou-se um recanto bucólico de veraneio. Sofreu e vem sofrendo um crescimento urbanístico acelerado e, em decorrência disso, a paisagem, o espaço e o lugar têm mudado.

Advindos principalmente da migração do campo para a cidade, novos moradores propiciam tanto a união de conhecimentos e culturas diversas, quanto seu confronto. Uma nova rede comunitária vai se formando ‘por cima’ da antiga. A construção de uma Avenida que faz a ligação do centro da cidade ao bairro facilita o acesso ao local notadamente com a inserção do transporte chamado de ‘Loba’ – ônibus da época. O número de casas residenciais e comerciais aumenta, os moradores passam a dispor de serviços essenciais à população ofertados pelo poder público. O bairro começa a cumprir requisitos para pertencer à zona urbana e a urbanização passa a influenciar na vida cotidiana da sua comunidade.

Para Alicia Cabezudo (2004, p. 11), o meio urbano é possuidor de iniciativas educadoras de “origem, intencionalidade e responsabilidade diversas”. A cidade em si favorece a aprendizagem constante de novas linguagens, oferece o conhecimento do mundo a partir de oportunidades, possibilita espaço para que os indivíduos possam ter enriquecimento individual, como também possam propor ações solidárias que proporcionem bem estar para um coletivo. Uma nova concepção complementar e até alternativa dos sistemas educativos formalizados e pouco flexíveis é a de cidade educadora.

Esta estabelece uma ligação com a história do território o qual se localiza, busca relação com outros núcleos urbanos que tenham a ver com a sua forma de vida, resultando em novas aprendizagens, intercâmbio e solidariedade. Além disso, esse conceito implica considerar que a educação dos cidadãos em geral, sejam eles idosos, crianças ou jovens, não é de exclusiva

responsabilidade das instituições tradicionais (estado, família, escola), mas deve ser assumida pelos municípios e todas as instâncias da sociedade, o que precisa ser pensado e constantemente repensado no município de Salvador.

No bairro de Itapuã, a Praça Dorival Caymmi é um dos principais espaços do lugar, seja por sua importância histórica, pelo fácil acesso da população, pelas manifestações locais que continuam a usar o entorno da praça ou ainda por ser na atualidade ponto de referência para moradores e visitantes. No entanto, ela também sofre com esquecimento das autoridades e da própria comunidade que não reivindica melhorias para o lugar. Para compreender um pouco mais sobre esse universo e seus entraves a praça será descrita e analisada de forma a trazer algumas proposições.

3 A PRAÇA DORIVAL CAYMMI

Em homenagem ao cantor e compositor Dorival Caymmi, que cantou Itapuã mundo afora, a praça é inaugurada em 1953. Recebe o nome e um busto do artista. Todo um imaginário bucólico construído por ele sobre o lugar, em grande parte, já não existe. A ‘Praça da Igreja’, como é chamada pelos moradores, sempre foi ponto de encontro e convivência para a população local por ser localizada em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em frente à orla marítima.

Ela revela uma organização espacial histórica de forte influência jesuítica, com um cruzeiro em seu centro e uma igreja no entorno. Atualmente, é um espaço pontual para manifestações culturais, sociais e políticas do bairro, além de uma das mais movimentadas tanto por pedestres como por veículos. Local de convergência entre tradições, prazeres, protestos e comércio, a praça é demarcada pelo busto (de Caymmi), a cruz franciscana da Igreja e uma infinidade de ambulantes e pessoas à espera de transporte.

Em sua proximidade existe um mercado municipal, padarias, lojas, bares e restaurantes diversos. As antigas moradias deram espaço ao comércio. Recentemente, a praça passou a abrigar o mercado informal, que adota os monumentos como suporte para expor mercadorias. O cenário é composto, ainda, por um ponto de ônibus que tem contribuído para transformar a praça em um espaço de passagem, na qual os seus frequentadores apenas circulam rapidamente pelo local e não utilizam a sua função primordial que é segundo Caldeira (2007) a de ser um lugar de socialização, de valores ambientais, estéticos, simbólicos, funcionais e onde se fortalece a identidade de sua gente com o lugar.

A Praça Dorival Caymmi apresenta poluição visual, sonora, atmosférica e residual e já não atrai mais crianças, casais, jovens, idosos e famílias em busca de espaço para lazer. Frequentada por um público transitório, a praça deixou de ser propícia à integração e à sociabilidade dos moradores, apesar de continuar cumprindo essa função, mesmo que de forma precária.

Nesse sentido, como fomentar o sentimento de pertencimento em um lugar no qual a população evita utilizá-lo enquanto espaço público de lazer? A falta de uma política pública eficaz de preservação do patrimônio desfavorece a paisagem urbana e o espaço de convivência. A ocupação desordenada e despreocupada da Praça Dorival Caymmi, com tantos ambulantes e transeuntes, tem gerado gradativa deterioração do espaço e afastamento das atividades culturais, artísticas e de convivência na área delimitada como praça.

Para Milton Santos (2009, p.55), “nossa grande tarefa, hoje, é a elaboração de um novo discurso, capaz de desmistificar a competitividade e o consumo e de atenuar, senão desmanchar, a confusão dos espíritos”. Para tanto, é fundamental uma educação que preze a humanização e união dos indivíduos em todos os âmbitos, uma educação que vá além da informação e que seja de responsabilidade de toda a sociedade.

Ao se retratar ao começo da história, o que os antropólogos chamam de sociedades primitivas, Santos (2009, p.62) diz que existia uma territorialidade genuína, em que a economia, a cultura, a política e a linguagem ligavam-se ao espaço geográfico. Os locais de encontro eram onde se criavam as normas, que por sua vez, distribuídos horizontalmente por interlocutores, constituíam uma comunidade. Nas cidades e nos bairros esse espaço destinado ao convívio tem servido a outras funções e cada vez mais os espaços de socialização ficam comprometidos, refletindo na forma de se relacionar dos indivíduos que passaram a se enclausurar em suas residências seguras e/ou espaços privados. “Por isso um território despojado de espaço público dá pouca chance para que as normas sejam debatidas, para que os valores sejam confrontados e negociados”. (BAUMAN, 1999, p.33).

Atualmente, manifestações e eventos culturais têm utilizado a rua, ao longo da Praça ou em sua lateral. Todas as questões que incidiram na transformação do bairro de Itapuã resultaram em impactos sobre o conceito de praça. Assim, sob a preocupação de que a Praça Dorival Caymmi, como tantos espaços de lazer na cidade, se torne mero lugar de passagem, sem importância para os moradores e visitantes enquanto espaço de socialização, algumas proposições foram sugeridas visando sua (re) organização.

3.1 A PRAÇA COMO ESPAÇO EDUCATIVO

A palavra educação é abrangente e multifacetada. Tem relação com as descobertas, os aprendizados, os modos de vida, os espaços. Na perspectiva de Gohn (2006), tem-se a educação formal, que acontece em instituições destinadas ao ensino como escola e universidades; a educação não-formal, que são instituições que oferecem propostas diversas à população, mas que seu currículo não está formalizado. Há ainda a educação informal que acontece em todos os lugares, em espaços desinteressados de aprendizados, carregam sentidos e significados para a vida em comunidade, socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou a que se pertence por herança, desde o nascimento.

Assim, a praça compreendida em seu conceito e funções é um espaço no qual a educação acontece e pode acontecer de diferentes formas, evidenciando culturas e identidades diferentes, acolhendo a diversidade. Portanto, além de ser naturalmente um espaço educativo por receber pessoas diversas e proporcionar o convívio dos sujeitos, a praça também pode ser utilizada pelo poder público e demais organizações, para oficinas educativas referentes à saúde, sexualidade, arte, culinária, entre outros temas relevantes para a população, para debates comunitários, para mediar atividades entre a comunidade e a escola.

3.2 A PRAÇA COMO ESPAÇO DE LAZER E CULTURA

O lazer está vinculado ao processo de educação em tempo, espaço e atitudes, a partir das vivências diárias, da socialização dos saberes, valores e conhecimentos dos indivíduos, do estreitamento dos laços pessoais, possibilitando articulações para uma atuação crítica frente aos problemas sociais e somente possíveis com a mudança interna do sujeito. Vale ressaltar que o sentido do lazer aqui descrito não deve ser limitado à prática de atividades em tempo livre, mas enquanto atividade que acrescenta algo ao indivíduo; que proporcione interações a contribuir para o desenvolvimento humano; que cooperem para que potencialidades dos sujeitos sejam descobertas e exploradas.

Segundo Barros (2010, p. 28), a cultura é a expressão da capacidade humana, a maneira pela qual os indivíduos respondem aos estímulos, problemas, situações, produzindo variadas diferenças culturais. Para o autor (2010, p.29), “não é possível pensar o ser humano fora da

cultura”, pois isso colocaria em risco a ‘própria condição humana’. Através das manifestações artístico-culturais que caracterizam e representam a cultura de um lugar, a partir da liberdade de expressão das pessoas envolvidas, elementos importantes das classes subalternas são representados e divulgados, utilizando-se da poesia, arte e da cultura para discutir e explicitar seus pensamentos, dificuldades, necessidades, sonhos, desejos, realidade.

Assim, é necessário que se tenha na praça espaço dedicado às manifestações de grupos culturais locais, para que estes possam divulgar sua expressão cultural, como também conhecer outras, criando desta maneira uma comunicação interna no bairro, mas para isso é preciso que se tenha decisão política, participação cidadã e uma construção estratégica coletiva.

3.3 A PRAÇA COMO ESPAÇO GERADOR DE RIQUEZAS

A concepção de cultura trazida por Barros (2010, p.30) combina uma tríplice e simultânea dimensão. A primeira se refere “aos modos de fazer, pensar e agir, portanto revela nossas identidades”, e é denominada simbólica; a segunda enquanto um campo propício para o exercício da cidadania, a cidadã e a terceira ‘como geradora de riquezas’, denominada econômica. Essas dimensões quando misturadas favorecem construções e organizações dos indivíduos em volta de sua cultura, proporcionando aprendizados e a valorização da mesma, o que não impede que o respeito à diversidade e a coexistência de culturas habitem os sujeitos.

Portanto, a (re) organização do espaço da praça através de reforma planejada por profissionais e comunidade, além de proporcionar um espaço público de apresentações, encontros, cultura, educação e lazer, pode vir a movimentar o turismo em Itapuã e valorizar todas as dimensões abordadas por Barros (2010).

Além disso, defendemos que o comércio informal na praça e arredores seja realocado para dar espaço à comunidade expor suas manifestações culturais e usufruir das atividades de lazer. Feiras de artesanato e comidas típicas, produzidas pelos próprios moradores, pode ser outra alternativa para aumentar a renda familiar ao tempo em que se fomenta a arte e a cultura no lugar. A parada de ônibus também precisa ser transferida e propomos que seja colocada próximo ao mercado municipal, o que facilitaria a circulação de pessoas em compras, reaquecendo o comércio local.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reconhecer que o espaço da praça deve possibilitar a identidade com o lugar, com as relações sociais, culturais e educativas sendo exploradas no cotidiano da população, acreditamos que a vivência de valores nesses espaços contribuirá com mudanças morais, políticas, sociais e culturais. Dessa forma, defendemos que a Praça Dorival Caymmi é um espaço com todo potencial para que o desenvolvimento humano possa ser potencializado.

Para que isso aconteça, é fundamental que a comunidade, juntamente com o poder público, elabore uma proposta de (re)construção da praça para atender às pessoas do bairro, adjacências e visitantes, contemplando o sentimento de pertencimento ao lugar e, conseqüentemente, tornando-as mais participativas nas diversas demandas do bairro, cidade e país. O presente texto apenas aponta caminhos e buscou alertar tanto Itapuã, como outros lugares que têm passado por processos semelhantes ser possível transformar um espaço em função e a partir de um coletivo.

EL ESPACIO DE LA PLAZA DORIVAL CAYMMI: una investigación propositiva en el Barrio de Itapuá

RESUMEN

Este artículo es el resultado de las investigaciones en el barrio de Itapua, ubicada en la ciudad de Salvador, Bahia – Brasil, que se han desarrollado como parte de la investigación de maestría y doctorado desde el año 2009 de los dos investigadores. El objetivo es estudiar lo que sucede con el espacio de la plaza en la modernidad, pero también plantean algunas propuestas para reformular el espacio de la plaza para uso comunitario. Metodológicamente, se utilizó la observación participante y encuesta documental, sobre la base de nuestra etnográfico de investigación de maestría y doctorado, y se puede ver la vida cotidiana de ese cuadrado, hacer observaciones y propuestas. La importancia del tema se basa en evidencia de desarrollo de la educación en la innovación diferentes formas, así como la geografía, la cultura y la historia se destacan en la esfera pública – Dorival Caymmi plaza, sin pretender, sin embargo, escape de los enfoques posibles en el sitio.

Palabras llave: Ciudad. Zona. Educación.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Márcio. A Diversidade Cultural, O Identitário, O Popular e O Tradicional. In. _____. **Catálogo Culturas Populares e Identitárias da Bahia**. 2010.

_____. **Ver e Ouvir a Cidade**. V ENECULT. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19558-4.pdf>> Acesso em: 29 mar. 2011.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: As Conseqüências Humanas**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CABEZUDO, Alicia. Cidade Educadora: uma proposta para os governos locais. In GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia. (Orgs). **Cidade Educadora: Princípios e experiências**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadoras America Latina, 2004.

CALDEIRA, Marques Junia. A gênese das praças. **Jornal da Unicamp**. Universidade Estadual de Campinas, SP, p.11, 02 dez. 2007.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.